

**Maria João Fernandes**  
**Fevereiro '96**

Mais um momento da escultura de Paulo Neves que posso presenciar e testemunhar.

Em torno do motivo central da mesa, imagem de equilíbrio e de estabilidade, símbolo alquímico das grandes transformações. A transformação primordial da matéria tornada rosto, cálice, cúpula, núcleo do olhar interiorizado que apela ao sonho, sinal do espírito.

Há um caminho de metamorfoses na escultura de Paulo Neves. Da árvore rude, do corpo selvagem das criaturas da floresta, para a transfiguração do humano que guarda a memória, a nostalgia das formas primitivas da natureza.

Há uma afinidade mágica entre a natureza e o humano, feitos um só, o rosto metáfora de uma natureza humanizada, a matéria, metáfora de um humano lembrado das suas mágicas fontes, das suas origens telúricas e solares que a árvore evocada em grande parte da escultura do autor e neste conjunto simboliza.

O rosto ergue-se na sua verticalidade de árvore benfazeja, unindo o fogo, a terra e a luz, rugoso e bruto, delicado, frágil como a superfície polida de uma folha bebendo a claridade da manhã, as nuances do entardecer, as trevas cravejadas de estrelas de uma noite guardada no cofre dos olhos fechados destas figuras pensativas. A superfície polida é doce e perturbadora como um espelho inesperado, pode ser o berço do dia e o receptáculo das trevas, na matéria trabalhada, lisa e brilhante como o metal, perpassam silhuetas inventadas de nuvens fugitivas.

Rostos, árvores e espelhos, abertos à luz, povoados de sombras misteriosas, de sonhos, meditativos, cheios de pequenos sulcos, de marcas, de vestígios de uma matéria primitiva que ocupa o centro do espaço poético do escultor. Uma matéria prima dos sonhos, do sono da natureza, feita corpo e rosto humanos, em blocos que se sobrepõem, lembrando o jogo da arte, uma matéria que deseja o espírito, que dele se aproxima, de que é metáfora, com ele formando uma substância única, signo de beleza e da melancolia do mundo.

Uma matéria que aceita a desordem da vida selvagem das formas, presente na rugosidade da madeira ou da pedra e a ordem das superfícies polidas, das linhas, do esboço de geometria que orienta a composição de certas peças. Repousa no seio do quotidiano, aceita tornar-se humilde mesa ao serviço dos homens, ela mesma humana, enigmática e rebelde na sua recusa de ser apenas objecto, no seu desejo de metamorfose e transfiguração.

As cabeças de alvíssimo mármore afirmam a luminosa vocação destas peças, são pássaros ou peixes, matéria bruta e olhar habitado dos tesouros do humano. Longilíneas, elas parecem em fuga para um outro espaço, nestas peças a matéria já não é matéria, mas espírito da matéria, este espírito simbolizado pela metáfora do humano, aceita uma forma, torna-se matéria. Destas núpcias da matéria e do espírito, tem vindo a falar toda a obra de Paulo Neves, uma alquimia extraordinária da qual o artista guarda o segredo, para a qual apontam todas estas esculturas que se situam à volta do motivo da mesa, num diálogo de olhares cúmplices, de silêncios, de meditações e cujo mistério e beleza nos convida a partilhar.